

ao menos na linguagem que utiliza. Com efeito, para o que se passa com as almas separadas depois da morte, J.-P. Torrell continua a falar em termos de tempo (cf. *ibid.*). Ora, no mundo transfísico não há qualquer espécie de tempo, que é uma condição própria do mundo físico. Outro tipo de duração? Qual? E que relação com a do tempo a que fica sujeito o corpo esperando a re-união com a alma? Sobre este pormenor, parece-nos haver, de facto, uma lacuna não despreciable.

Outras questões muito concretas, que são frequentes no questionamento de muitos crentes são por J.-P. Torrell muito bem equacionadas e explicadas, p. ex.: diferenças entre ressurreição, reincarnação e metempsicose; incidências da mudança da disciplina da Igreja sobre a cremação ou incineração, razões dessa mudança e reservas prudenciais aconselhadas pela mesma Igreja.

O livro está enriquecido com uma boa bibliografia seletiva sobre a ressurreição e temas conexos.

JORGE COUTINHO

GEFFRÉ, Claude, **Le christianisme comme religion de l'Évangile**, coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2012, 354 p., 235 x 145, ISBN 978-2-204-09837-3.

No seu «Avant-propos», Claude Geffré confessa ter dado uma volta, no decurso da sua pesquisa e produção teológicas, de uma teologia ontológica, ainda demasiado herdeira de tradição anterior ao Vaticano II e demasiado prisioneira da idade metafísica da razão, ou de uma razão crítica muito segura de si mesma, para uma teologia de *paradigma hermenêutico*, não

tanto por lhe parecer mais consentânea com a moda filosófica do tempo atual como, sobretudo, por lhe parecer mais adequada à compreensão do cristianismo como *religião do Evangelho*. Desde os anos 1980, descobriu que o grande desafio para a teologia cristã já não é o do ateísmo ou o do indiferentismo, mas o de um pluralismo religioso «quase inultrapassável» (p. 8). Esta situação do panorama religioso provocou nele a interrogação: estaremos simplesmente perante um pluralismo *de facto*? ou não estaremos, antes, em face de um pluralismo *de princípio*, que corresponde porventura a um misterioso desígnio de Deus no que diz respeito ao destino religioso da humanidade?

Claude Geffré procura então, desde aí, deter-se na consideração das «sementes do Verbo» (da velha inspiração estoíca, aproveitada pela patrística) e, nessa linha, vem-se interrogando sobre o significado da pluralidade das formas religiosas no interior de um único desígnio de salvação de Deus. Tornou-se assim, como é sabido, uma das autoridades maiores na teologia do diálogo inter-religioso. A sua pesquisa deixou de olhar o cristianismo como religião do *cumprimento* (perfeição, acabamento; fr. *accomplissement*), que vê nas outras religiões valores implicitamente cristãos cuja plena realização estaria na religião cristã, a qual teria, em relação às demais, a preocupação fundamental da «salvação dos infieis». Geffré prefere olhar para esta como de escrever um livro novo sobre esta perspectiva. Mas razões de idade e de saúde impedem-no de o fazer. Aceitou então o desafio de alguns amigos que o convenceram a coligir e reeditar, em livro, alguns textos mais significativos já publicados em revistas ou capítulos de livro. É esse o conteúdo deste seu livro, que dividiu em duas partes.

Na primeira parte – «A diferença cristã» – os textos selecionados tendem a evidenciar a originalidade do religioso evangélico relativamente ao religioso arcaico e sacrificial da generalidade dos sistemas religiosos. Destaca, por outro lado, que «o Evangelho tem uma vocação mundial. Pode tornar-se o tesouro de todo o ser humano, [mesmo] descrente ou membro de uma religião não cristã» (p. 10). E deve ser uma *religião dialogal*. No seu modo de ver, a própria Revelação bíblica não tem o monopólio da Palavra de Deus, já que outras religiões podem ter também as suas experiências de revelação e mesmo de escrituras sagradas. Compreendidas deste modo, o diálogo entre elas tornar-se-ia sem dúvida menos difícil. O texto sobre «o estatuto da verdade na idade do pluralismo religioso» (pp. 31-42) parece-nos, a este respeito, verdadeiramente emblemático e modelar. Muito certo, a nosso ver, quando defende que a verdade das religiões é da ordem da manifestação, que não da representação; verdade-*alêtheia* (do repensar heideggeriano), que não verdade-adequação (da tradição aristotélica). De resto, a clareza na exposição e a atratividade dos temas é uma nota geral na pluralidade dos textos do livro, constituindo, ao menos boa parte deles, algo do que melhor se tem escrito sobre a temática do diálogo interreligioso.

A segunda parte – «O cristianismo e o futuro da religião» – colige textos onde domina a reflexão sobre o destino do cristianismo na era da mundialização e da secularização. Como religião do evangelho, convém que ajude a ultrapassar a velha ideia de um Deus *bem conhecido* e todo poderoso, na direção de um Deus que, pela Encarnação, quis mostrar e pôr em ação a onnipotência do amor, capaz de sofrer até ao extremo porque é amor. E convém, por isso, ultrapassar um cristianismo

como velha religião sacrificial na direção de um cristianismo das Bem-aventuras, promessa e portador de felicidade. Há assim uma cumplicidade secreta entre o Evangelho e os humanismos seculares. O que Geffré designa como *religião do Evangelho* é precisamente este cristianismo, por oposição ao de cariz *sacrificial* da teologia clássica.

JORGE COUTINHO

FAMERÉE, Joseph (dir.), **Vatican II comme style. L'herméneutique théologique du Concile**, coll. « Unam Sanctam – Nouvelle Série », Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2012, 312 p., 215 x 145, ISBN 978-2-204-09700-0.

Um Concílio em estilo novo, foi sem dúvida o Vaticano II. Desde a sua convocação por João XXIII, foi pensado e realizado como um concílio pastoral. Diferente da generalidade dos que o precederam na história da Igreja. Sem definições, sem anátemas, sem preocupação daquele outro estilo feito de fórmulas precisas, muito em conformidade com o estilo escolástico da elaboração e ensino da teologia. Em referência a esta, aliás, o Vaticano II marcou também, como se sabe, o fim da neo-escolástica e o regresso às fontes escriturísticas e patrísticas. Os documentos produzidos refletem isso mesmo. São de outro estilo. Eles adotam preferentemente o estilo retórico da palavra persuasiva, que foi também o estilo preferido pela patrística. E refletem o próprio estilo do acontecimento conciliar no decurso das suas quatro grandes sessões (1962-1965). E, no fundo, o próprio estilo do cristianismo, que não é uma cartilha ideológica ou doutrinal, mas ele mesmo uma interpretação,